

A FIGURA INSÍGNE DO DR. MARNOCO E SOUZA

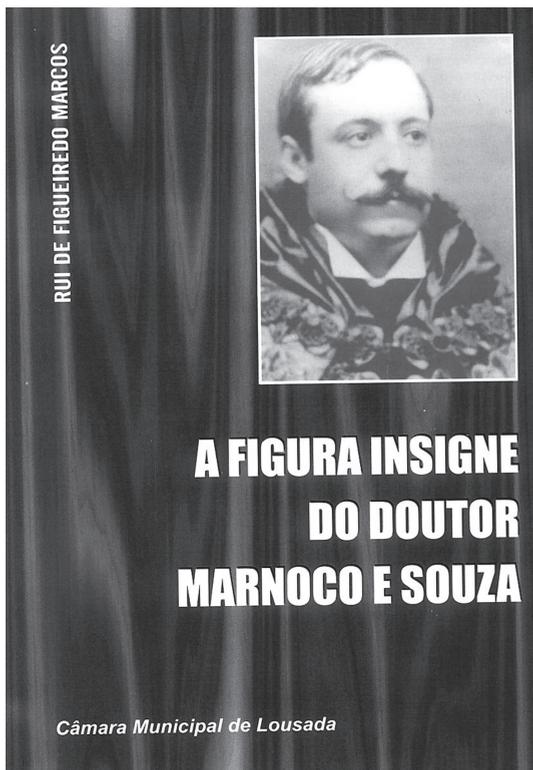
(O texto que se segue foi proferido na Sessão Solene de Lançamento do Livro “A Figura insigne do Doutor Marnoco e Sousa”, pelo seu autor Prof. Doutor Rui Figueiredo Marcos, no dia 23 de Fevereiro, na Biblioteca Municipal de Lousada).

“Antes de tudo, cumpre-me agradecer as palavras amáveis que o Senhor Presidente da Câmara e o meu estimado colega Dr. Eduardo Magalhães quiseram ter a gentileza de me dirigir. O prisma entusiasmante da amizade tudo engrandece. As virtudes tornam-se copiosas e os defeitos desaparecem como as luzes dos candeeiros nocturnos ao amanhecer. No entanto, os elogios, mais ou menos justos, soam sempre bem em quem os escuta. Agradeço-os rendidamente.

Não venho aqui fazer uma nova conferência sobre o Doutor Marnoco e Souza. Era descabida. Seria mesmo inútil. Sabeis o que eu sei.

A memória e a justa glória de Marnoco e Souza estão já exalçadas. Em todo o caso, sejam-me permitidas algumas notas repletas de actualidade que saltam do pensamento do Mestre para a eternidade.

Antes de tudo, Marnoco e Souza correspondia ao modelo de um professor moderno. Ficou registado pela pena arguta de Salazar que “as virtudes naturais e dominantes do seu espírito para isso o predispunham



e especialmente o recomendavam. A clareza, a ordem, o método e a recta seriação das noções e dos factos, sem desvios, sem incidentes dilatatórios, sem um à parte explicativo a distrair o espírito da linha traçada. Um extraordinário equilíbrio na exposição de tantas e complexas questões”.

Marnoco e Souza, segundo o seu discípulo Oliveira Salazar, tinha o segredo de ser completo sem ser difuso, de ser claro sem redundâncias, de ser conciso sem obscuridades. Eis um belo retrato de um Mestre de

Coimbra.

À imagem do ditame da propalada Reforma de Bolonha, Marnoco e Souza corresponde ao modelo de um inquebrantável investigador. Na verdade, sempre fez respirar o seu ensino com uma permanente investigação. Daí que tivesse renovado os estudos nas áreas pouco confinantes do direito político, direito eclesiástico, economia política, finanças, estatística, economia social, administração colonial e história do direito.

Vistasas insígnias científicas exornam a figura do Mestre. Conheceu uma década de



ouro. De 1905 a 1910. A vida académica não é uma imensidão sem tempo. Menos será um curso aprazível de modorrenta tranquilidade para aqueles que desejam deixar assinalada a sua passagem. E o fulgor criativo nem sempre consegue tremeluzir ao sabor da vontade.

Não raro, precisa do acicate de um trabalho mártir. Ora, Marnoco e Souza foi um mártir do trabalho. Conta-se na Faculdade a velha história que Marnoco e Souza, para permanecer desperto durante toda a noite, recorria ao expediente pouco cómodo de pôr os pés numa bacia de água fria.



Um outro testemunho pessoal ofereceu-o à história o seu discípulo Fernando Emygdio da Silva, que depois viria a ser um notável professor da Faculdade de Direito de Lisboa. Um dia Emygdio da Silva perguntou ao Doutor Marnoco e Souza: "Porque não vai, ao menos, ao cinema? São duas escassas horas, não contam..." E o professor Emygdio escutou esta tremenda resposta: "Está enganado. Não são essas duas escassas horas.



É o fio da meada que levaria tempo excessivo a reencontrar”.

Ao contrário de alguns pensadores que hoje povoam os nossos jornais, Marnoco e Souza era um homem dominado pelo formidável princípio da soberania do bom senso. Daí que, embora monárquico, os republicanos tivessem por ele a maior consideração pessoal e intelectual. Assim é o que o seu Direito Político aparece frequentemente citado durante a Primeira República. Assim é que, muitos anos após a morte de Marnoco e Souza, um republicano lembrava que o Mestre de Coimbra ensinava aos seus alunos que a secularização do casamento constituía um dos triunfos da civilização moderna. Assim, é que a máxima ditada por Marnoco e Souza “pelo Estado e pela Verdade” continuou a estrondear no universo republicano.

No entanto, a actualidade das ideias do professor Marnoco e Souza onde mais se sobrepuja é no domínio da política autárquica, numa





hora, como é a nossa, em que nos aparece um Estado abdicativo, que bate em retirada das suas funções sociais, mas estrondando disparos regulamentares e criando um florilégio de entidades reguladoras. O Estado inverteu a marcha e, como um barco em perigo, começou a alijar a carga em excesso.

Marnoco e Souza também defrontou um Estado demissionário e absencionista quando foi Presidente da Câmara de Coimbra. Por isso, foi um adepto da municipalização dos serviços públicos e da assunção de deveres sociais por parte da Câmara. O tema está na ordem do dia. Quem não se apercebeu do alvitre que correu na nossa imprensa no sentido de se municipalizar a educação?

Pois bem. A obra social de Marnoco e Souza foi de uma amplitude notável e elevou a princípios-rectores da sua actuação, como Presidente da Câmara, o princípio da transparência no exercício de cargos públicos e o princípio da publicidade das contas camarárias.



Minhas Senhoras e Meus Senhores
Por tudo isto, Marnoco e Souza já morreu e vive ainda. Outros vivem ainda e, sem disso se darem conta, já morreram. Estão condenados a uma densa névoa que progressivamente os atira para bem longe, numa viagem, por escarpas cada vez mais inclinadas, em direcção ao terrível inferno do esquecimento. Ora, o exemplo sublime de Marnoco e Souza tomou as asas do tempo e construiu a estátua indestrutível da sua grandeza que hoje voltamos a celebrar aqui, em Lousada. A terra que nunca esquecerá de o louvar. Disse”.

Rui de Figueiredo Marcos
Coimbra, 23 de Fevereiro de 2008”